

Desenvolvendo em sua cidade um ministério
equilibrado e centrado no evangelho

IGREJA CENTRADA

TIMOTHY KELLER



VIDA NOVA

Em uma sociedade de rápidas transformações e que parece estranha a muitos cristãos (assim como estes parecem estranhos a muitos na sociedade!), não é difícil que estes arranquem os cabelos em desespero e adotem uma atitude puramente defensiva. Nesse livro importante, Tim Keller destrincha o evangelho e, de modo cuidadoso, mas firme, lembra que ele não é negociável. Ao mesmo tempo, Keller instiga a pensar em três coisas: como podemos interagir de modo responsável com a sociedade, como podemos — na verdade, devemos — ser gratos pelas coisas boas que ela oferece e como podemos, de modo firme e fiel, aplicar a ela o evangelho. Mas esse livro não é um manual de instruções; ao contrário, é uma obra que reflete sobre alguns temas bíblicos de enorme importância, escrita por alguém que há duas décadas tem exercido um ministério pastoral fiel em uma das maiores cidades do mundo.

D. A. CARSON, professor-pesquisador de Novo Testamento pela Trinity Evangelical Divinity School.

Tim Keller, mais do que ninguém, tem ouvido atentamente os sons harmônicos que chegam da cidade, da cultura, da igreja e da Bíblia. Em *Igreja Centrada*, ele não apenas apresenta os diferentes acordes da música, mas também revela como orquestrou os resultados para benefício do ministério de evangelização e renovação. Agora chegou a nossa vez de ouvir, enquanto Tim, de maneira prática, mas vigorosa, nos prepara para participar dessa grande sinfonia do evangelho.

BRYAN CHAPELL, diretor do Seminário Teológico Covenant.

Igreja Centrada é um recurso de imensa utilidade para a próxima geração de líderes eclesiais. É profundamente teológico, instigante e revigorante. E com certeza tirará o leitor de sua zona de conforto. Mais uma vez, Tim Keller acertou na mosca!

ALISTAIR BEGG, pastor-titular da igreja Parkside Church, em Cleveland, Ohio.

Não precisamos de outro livro do tipo “adote o modelo de ministério da minha igreja”. Também não precisamos de outro ainda que critique os demais modelos eclesiais. Precisamos de um livro que nos leve a pensar de modo crítico e bíblico ao estruturarmos nossas igrejas. *Igreja Centrada* é uma obra repleta da experiência, da humildade e da sabedoria de Tim Keller. Esse livro ajudará quem realmente deseja ver sua cidade transformada pelo evangelho da graça.

DARRIN PATRICK, pastor principal da igreja The Journey, em Saint Louis, Missouri.

Num momento em que a sociedade rumo ao secularismo pós-cristão, nunca foi tão importante que os cristãos conhecessem bem o evangelho e soubessem transmiti-lo com destreza. Em *Igreja Centrada*, Tim Keller explica magistralmente o que é o evangelho e como aplicá-lo de modo eficiente onde quer que sirvamos. Esse livro é mais do que uma análise acadêmica; é um treinamento pastoral da melhor qualidade, baseado em três décadas de prática bem-sucedida. Obrigado, Tim.

SANDY WILLSON, ministro-titular da Segunda Igreja Presbiteriana, Memphis, Tennessee.

A maioria de nós observa e enxerga o óbvio. Tim observa e enxerga o que é invisível aos outros — especialmente no que se refere à verdade da Palavra de Deus e da cultura atual. Mais uma vez, ele nos revela percepções profundas — desta vez com respeito à igreja e como ela pode desenvolver seu potencial mais saudável. Que tolice seria saber da existência desse livro e, ainda assim, deixar de lê-lo!

RANDY POPE, pastor da igreja Perimeter Church, Atlanta, Georgia.

Esse livro extraordinário, assim como o ministério em Manhattan que lhe deu origem, mostra como a percepção teológica reformada e a tarimba pastoral acompanhada de sabedoria se unem para gerar fruto espiritual em qualquer contexto urbano. Cada página é esclarecedora. Keller é uma dádiva maravilhosa à igreja de hoje.

J. I. PACKER, professor emérito de Regent College.

Igreja Centrada não é apenas uma explanação doutrinariamente rigorosa e socialmente perceptiva da contínua e notável obra de Deus em Manhattan, mas também um chamado extremamente importante, original e oportuno a uma missão devidamente contextualizada à sociedade urbana de nossos dias. Temos de examinar com diligência esses princípios, se queremos alcançar nossas cidades para Cristo.

RICHARD COEKIN, diretor da rede de implantação de igrejas Co-Mission, Londres, Inglaterra.

As cidades são desafiadoras e complexas, mas também são importantes e estratégicas. Aqueles que são chamados a ministrar nas cidades precisam de encorajamento e recursos que alimentem a esperança e a eficácia. Essa é a razão de eu me alegrar por Tim ter escrito esse livro. Sua paixão pelo evangelho, seu amor pela cidade e sua visão por um movimento do Espírito Santo capaz de transformar vidas e trazer esperança e paz às nossas

idades impeliram-no a compartilhar conosco sua percepção e reflexão. Além disso, a igreja que ele pastoreia é exemplo da integridade de seu coração e da viabilidade dessa visão. Prepare-se. Sua forma de pensar seráafiada, e seu coração será tocado.

DR. CRAWFORD W. LORITTS JR., pastor-titular da igreja Fellowship Bible Church, Roswell, Georgia.

Tim Keller oferece uma leitura obrigatória sobre o ministério moldado pelo evangelho. Sólido em sua teologia e profundamente prático, esse livro é, do começo ao fim, uma avaliação das implicações do evangelho para a vida e para o ministério da igreja. A ponte entre teologia bíblica e teologia prática é construída com maestria. Por trabalhar com Tim e com a organização Redeemer City to City, tenho me beneficiado com o conteúdo desse livro e também posso confirmar sua profunda influência em pastores e igrejas através do mundo. Não se trata simplesmente do conteúdo de um programa de estudo; é exatamente o tipo de teologia do evangelho vivificadora e produtiva de que nossas igrejas precisam. Esse livro não pode faltar na biblioteca de todo cristão sensato.

STEPHEN T. UM, ministro-titular da Igreja Presbiteriana Citylife, Boston, Massachusetts.

Os líderes da igreja abandonam seu chamado singular quando pensam somente de forma teológica, a ponto de não enxergarem o mundo sob a luz do evangelho e de não ajudarem a igreja a viver no mundo com a sabedoria do evangelho. Ninguém deixa isso mais claro hoje do que Tim Keller. Ele se abstém do padrão demasiadamente fácil de oferecer um modelo simplificado e universal do que significa ser igreja. Ao contrário, Keller dá vida às inúmeras maneiras em que as igrejas são chamadas a ser fiéis e frutíferas em seu contexto cultural singular. Se você deseja aprender a fazer as perguntas realmente importantes (e difíceis) por meio das quais o evangelho desafia nossa identidade eclesial, leia esse livro.

RICHARD LINTS, professor emérito de Teologia da cátedra Andrew Mutch pelo Gordon-Conwell Theological Seminary.

Não estou exagerando quando digo que *Igreja Centrada* é meu livro predileto entre os que Tim Keller escreveu até agora. Talvez esse livro simplesmente represente o destilar da sabedoria de Tim: a síntese de anos marinando no evangelho, fazendo exegese do texto bíblico e engajando a alma da nossa sociedade; seu desejo de dialogar sem críticas mordazes; seu compromisso contínuo de analisar as implicações radicais da graça de Deus; seu imenso amor pela noiva de Cristo, pelo reino de Deus e pela história da redenção. Tudo isso está presente aqui de forma renovadora. Que leitura prática e espetacular! Mal posso esperar para usar esse livro com novos líderes e igrejas desejosos de sonhar.

SCOTTY SMITH, pastor-fundador da igreja Christ Community Church, Franklin, Tennessee.

Muitos conhecem o Tim Keller pastor, apologista e teólogo. Mas ele também é um evangelista urbano — um evangelista em prol da cidade. Em *Igreja Centrada*, encontramos em um único lugar todas as facetas singulares de sua visão e chamado. Mais do que leitura essencial, esse livro é um presente, porque Tim Keller entregou o coração e a vida para a obra do reino na cidade.

MARK R. GORNIK, diretor do City Seminary of New York.

Em *Igreja Centrada*, um dos maiores líderes missionários de hoje apresenta o retrato de uma igreja vigorosa, capaz de transformar cidades inteiras por intermédio de sua propagação do evangelho. Tim é um professor talentoso, um líder notável e um discípulo exemplar de Jesus. Uma leitura que vale a pena!

ALAN HIRSCH, fundador da Forge Missional Training Network [Rede de Treinamento Missional].

Vivemos em uma época de líderes eclesialísticos extraordinários e de pensadores cristãos maravilhosos, mas não sei se há um líder mais dado à reflexão do que Tim Keller. *Igreja Centrada* é o chamado que ele faz para um ministério eclesialístico fundamentado em uma reflexão teológica profunda e em uma exegese cultural sensível que seja também desenvolvido por líderes corajosos, para que a cidade tenha, uma vez mais, a oportunidade de florescer sob a influência do evangelho.

JOHN ÖRTBERG, pastor da Igreja Presbiteriana Menlo Park, Califórnia.

A igreja de Tim Keller, na cidade de Nova York, é um dos melhores exemplos mundiais de ministério centrado no evangelho que se conecta de forma sábia, bíblica e frutífera com sua comunidade. Isso acontece principalmente graças ao profundo entendimento que o dr. Keller tem do evangelho e graças também ao seu dom excepcional de interpretar a cultura. *Igreja Centrada* será imensamente útil para qualquer pessoa que ministra em qualquer lugar. Não é um manual para reproduzirmos o ministério de Keller, mas algo muito mais importante: uma visão teológica de como o evangelho de Jesus Cristo se relaciona com a cultura, com o ministério e com a vida cristã.

PHILIP RYKEN, presidente do Wheaton College.

SUMÁRIO

Reduções gráficas 11

Agradecimentos 13

Introdução: a visão teológica da igreja centrada 15

EVANGELHO

{ *primeira parte: Teologia a partir do evangelho* }

1. O evangelho não corresponde a tudo 35

2. O evangelho não é algo simples 48

3. O evangelho influencia todas as coisas 56

{ *segunda parte: Renovação pelo evangelho* }

4. A necessidade da renovação pelo evangelho 65

5. A essência da renovação pelo evangelho 75

6. A obra da renovação pelo evangelho 88

CIDADE

{ *terceira parte: Contextualização do evangelho* }

7. Contextualização intencional 107

8. Contextualização equilibrada 121

9. Contextualização bíblica 129

10. Contextualização ativa 143

{ *quarta parte: Visão para a cidade* }

11. A tensão da cidade 162

12. A redenção e a cidade 175

13. O chamado à cidade 184

14. O evangelho para a cidade 198

- { *quinta parte*: Engajamento cultural }
- 15. A crise cultural da igreja 216
 - 16. As respostas culturais da igreja 230
 - 17. Por que todos os modelos estão certos... e errados 265
 - 18. Engajamento cultural pela fusão das perspectivas 279

MOVIMENTO

- { *sexta parte*: Comunidade missional }
- 19. A busca pela igreja missional 297
 - 20. Centrando a igreja missional 312
 - 21. Preparando as pessoas para a vida missional 328
- { *sétima parte*: Ministério integrativo }
- 22. O equilíbrio das frentes ministeriais 346
 - 23. Pondo as pessoas em contato com Deus 353
 - 24. Pondo as pessoas em contato umas com as outras 369
 - 25. Pondo as pessoas em contato com a cidade 382
 - 26. Pondo as pessoas em contato com a cultura 390
- { *oitava parte*: Dinâmica do movimento }
- 27. Movimentos e instituições 398
 - 28. A igreja como organismo organizado 406
 - 29. A plantação de igrejas como uma dinâmica do movimento 418
 - 30. A cidade e o ecossistema do evangelho 433

Epílogo: a modernidade tardia e a igreja centrada 447

Índice de assuntos 451

Índice onomástico 460

REDUÇÕES GRÁFICAS

GERAIS

AT	Antigo Testamento
cap., caps.	capítulo(s)
cf.	conferir; conforme
d.C.	depois de Cristo
diss.	dissertação
ed.	edição
eds, eds.	editor(es)
e.g.	<i>exempli gratia</i> , por exemplo
esp.	especialmente
et al.	<i>et alii</i> , e outros
ss.	seguintes
ibid.	<i>ibidem</i> , no mesmo lugar
idem	igual ao que se acabou de mencionar; mesmo, como em “mesmo autor”
i.e.	<i>id est</i> , isto é
n.	nota
NT	Novo Testamento
org., orgs.	organizador(es)
p.	página(s)
reimpr.	reimpresso
rev.	revisado
trad.	tradutor, traduzido por
v.	versículo(s)

LIVROS DA BÍBLIA

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1 e 2Sm	1 e 2Samuel
1 e 2Rs	1 e 2Reis
1 e 2Cr	1 e 2Crônicas
Ed	Esdras
Ne	Neemias
Et	Ester
Jó	Jó
Sl	Salmos
Pv	Provérbios
Ec	Eclesiastes
Ct	Cantares de Salomão
Is	Isaías

Jr	Jeremias
Lm	Lamentações de Jeremias
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oseias
Jl	Joel
Am	Amós
Ob	Obadias
Jn	Jonas
Mq	Miqueias
Na	Naum
Hc	Habacuque
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias
Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos dos Apóstolos
Rm	Romanos
1 e 2Co	1 e 2Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Eféssios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1 e 2Ts	1 e 2Tessalonicenses
1 e 2Tm	1 e 2Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1 e 2Pe	1 e 2Pedro
1, 2 e 3Jo	1, 2 e 3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

VERSÕES BÍBLICAS

A21	Almeida Século 21
ARA	Almeida, Revista e Atualizada
ESV	English Standard Version
KJV	King James Version
NASB	New American Standard Bible
NIV	New International Version
NVI	Nova Versão Internacional
NJB	New Jerusalem Bible

AGRADECIMENTOS

À primeira vista, este parece ser apenas um livro a respeito daquilo que aprendi durante meu ministério na cidade de Nova York ou talvez a respeito do que nós, da Igreja Redeemer [Redentor], aprendemos sobre plantação de igrejas. Na verdade, porém, o material deste livro é também, na mesma medida, fruto daquilo que muitos outros aprenderam e realizaram em metrópoles ao redor do mundo nos últimos quinze anos. Muito mais do que em qualquer de meus outros livros, este foi escrito dentro de uma comunidade e com essa comunidade — uma rede de praticantes das várias cidades através do mundo com quem muito aprendi.

Boa parte deste livro nasceu de uma série de palestras que fiz em Londres em 2008 e 2009 em um encontro internacional. Mesmo essas palestras foram produto do que outras pessoas me ensinaram, mas, desde aquele encontro, esse material foi rigorosamente analisado em trincheiras ao redor do mundo e, assim, expandido e revisado múltiplas vezes nos três últimos anos.

Tive muitos interlocutores por causa do trabalho da equipe de ministério da rede Redeemer City to City. Essas pessoas foram extraordinárias em ajudar a criar movimentos em torno do evangelho em cidades, reforçando a visão teológica da igreja centrada, *não* pela simples importação de programas específicos dos Estados Unidos e da Igreja Presbiteriana Redeemer. Com sua humildade e generosidade, essas pessoas ajudaram a causar um impacto permanente a favor de Cristo nas cidades do mundo. De modo particular, desejo agradecer a liderança de meus colegas Terry Gyger, Al Barth, Jay Kyle e Mark Reynolds.

Entre os colegas de ministério que leram cuidadosamente os capítulos e ofereceram uma infinidade de sugestões estão Enoch Wong, Fong Yang Wong, Darrin Patrick, Siebrand Wierda, Richard Coekin, Dan Macdonald, Andrew Jones e Mike Wittmer. As percepções extremamente úteis desses homens moldaram (e provavelmente retardaram!) este livro mais do que eles imaginam.

Acima de tudo, quero agradecer a Scott Kauffmann, do ministério Redeemer City to City, o fato de ter sido o administrador de projetos que deu origem a este livro, mas também agradeço a edição monumental que ele teve de fazer para transformar essa multidão de material em um volume organizado e legível. Qualquer elegância na apresentação deve ser atribuída a ele. Também agradeço a Ryan Pazdur, a John Raymond e à equipe da Zondervan, além de David McCormick e a equipe da empresa McCormick e Williams: somos profundamente gratos por sua parceria habilidosa e comprometida. Como o leitor verá na introdução, tenho uma dívida enorme com Rick Lints (e seu livro *The Fabric of Theology* [A Malha da Teologia]) por seu pensamento seminal sobre visão teológica. Por último, agradeço a Michael Thate, David Denmark, Cindy Widmer e John Thomas: cada um de vocês fez contribuições valiosas que enriqueceram o livro e possibilitaram sua publicação.

Por fim, uma das alegrias de escrever livros é ter mais oportunidades de agradecer à minha esposa, Kathy, suas inúmeras contribuições, visíveis e invisíveis. Este livro, assim como todos os outros, deve muito aos seus encorajamentos e ideias no ministério.

A VISÃO TEOLÓGICA DA IGREJA CENTRADA

SUCESSO, FIDELIDADE OU FRUTOS?

Quando ingressamos na vida ministerial, é natural perguntarmos “Como estou me saindo? E como posso me informar sobre isso?”. Uma das respostas para os ministros de hoje é o *sucesso*. Muitos dizem que, se sua igreja estiver crescendo em número de conversões, de membros e de contribuições financeiras, seu ministério é eficiente. Essa visão de ministério está em ascensão porque o individualismo expressivo da cultura moderna tem corroído profundamente a lealdade às instituições e às comunidades. Hoje os indivíduos são “consumidores espirituais” que só vão à igreja se (e enquanto) o culto e a mensagem forem cativantes e atraentes. Assim, os ministros que conseguem criar poderosas experiências religiosas e atrair um grande número de pessoas com seu carisma individual são recompensados com igrejas grandes e crescentes. Essa é uma das maneiras de avaliar um ministério.

Em resposta a essa ênfase no sucesso quantificável, muitos rebatem, afirmando que o único e verdadeiro critério para os ministros é a *fidelidade*. De acordo com essa visão, o que realmente importa é um ministro doutrinariamente saudável, de caráter santificado e fiel na pregação e no pastoreio do rebanho. Mas a reação “fidelidade, sim; sucesso, não” é uma simplificação exagerada que também apresenta perigos. A exigência de que o ministro, além de sincero e fiel, seja também *competente* não é uma inovação moderna. Charles Spurgeon, o famoso pregador inglês do século 19, afirmou ser preciso mais que fidelidade na formação de um pastor:

Recebo inscrições de alguns bons homens que se destacam por enorme [paixão] e zelo, mas com uma inegável ausência de cérebro. São irmãos que falam sem parar sobre coisa alguma — que pisoteiam e golpeiam a Bíblia, mas sem nenhum resultado. São sinceros, absolutamente sinceros, com um labor imenso, do tipo mais penoso, mas nada resulta desse esforço... portanto, normalmente tenho rejeitado suas inscrições.¹

Observe o inegável afeto de Spurgeon por esses homens. Ele não está ridicularizando essas pessoas. Afirma que são fiéis e profundamente comprometidos com a obra ministerial, mas “sem nenhum resultado”. Quando ensinam, há pouco ou nenhum aprendizado; quando evangelizam, há pouca ou nenhuma conversão. Assim, Spurgeon rejeita suas inscrições em sua escola de pastores. Em suma, é uma simplificação exagerada achar que fidelidade é o que realmente importa. Não. É preciso mais que fidelidade para avaliar se estamos sendo os pastores que devemos ser.

À medida que eu lia, refletia e ensinava, fui chegando à conclusão de que a *capacidade de dar frutos* é um tema mais bíblico para avaliar o ministério do que sucesso ou fidelidade. Como sabemos, Jesus disse aos discípulos que eles deveriam dar “muito fruto” (Jo 15.8). Paulo foi ainda mais específico. Ele se referiu às conversões como “fruto”, quando expôs seu desejo de pregar em Roma: “para conseguir algum fruto entre vós, como também entre os demais gentios” (Rm 1.13). Paulo também falou

sobre o “fruto” do caráter santificado, que o pastor pode ver crescer nos cristãos sob seus cuidados. Isso inclui o “fruto do Espírito” (Gl 5.22). As boas obras, como a misericórdia para com os pobres, também são chamadas de “fruto” (Rm 15.28).

Paulo comparou a nutrição pastoral da congregação com a horticultura. Ele disse aos cristãos de Corinto que eles eram “lavoura” de Deus, na qual alguns ministros plantavam, outros regavam e alguns colhiam (1Co 3.9). A metáfora da lavoura mostra que o sucesso e a fidelidade não são, em si mesmos, critérios suficientes para avaliarmos o ministério. Os agricultores têm de ser fiéis no trabalho, mas também precisam ter bem adestrados; caso contrário, a plantação morre. No final de tudo, porém, o *grau* da prosperidade da lavoura (ou do ministério) é determinado por fatores que vão além do controle do lavrador. O nível de frutificação varia conforme as “condições do solo” (ou seja, alguns grupos de pessoas têm o coração mais endurecido que outros) e também conforme as “condições climáticas” (ou seja, o trabalho soberano do Espírito Santo).

O movimento chamado “crescimento da igreja” fez muitas contribuições duradouras para nossa prática ministerial. No entanto, sua ênfase excessiva em técnicas e resultados pode acabar exercendo muita pressão nos ministros, uma vez que deixa de ressaltar a importância do caráter santificado e da soberania de Deus. Aqueles que defendem que “fidelidade é o que se exige” estão corretos de modo geral, mas essa mentalidade talvez peque em exigir pouco dos líderes da igreja. Ela não os leva a questionar com seriedade toda vez que ministérios fiéis se mostram pouco frutíferos. Quando a capacidade de dar frutos é o nosso critério de avaliação, sentimo-nos responsáveis, mas não esmagados pela expectativa de que certa quantidade de pessoas terá de mudar

de forma impressionante sob a influência do nosso ministério.

O “SEGREDO” DOS FRUTOS DA REDEEMER

Depois de quase uma década de pastorado em uma pequena cidade da Virgínia, mudei-me para a Filadélfia, onde fui professor no Seminário Westminster em meados da década de 1980. Lá fui convidado a lecionar os cursos de Pregação, Liderança Pastoral, Evangelismo e Eclesiologia. Esse cargo de professor universitário me deu a primeira oportunidade de refletir sobre o que eu havia aprendido nos primeiros anos atarefados como líder de uma igreja. Também me deu a oportunidade de estudar o ministério com uma profundidade impossível até então. Em 1989, nossa família mudou-se para a cidade de Nova York com o objetivo de plantar a igreja Redeemer Presbyterian Church. Alguns anos mais tarde, pastores de várias partes do Estados Unidos (e, depois, de outros países) mostraram interesse em nos visitar porque, como diziam: “Desejamos ver o que você está fazendo em Manhattan e que está dando tão certo”. Depois de um tempo, tornou-se impossível conversar individualmente com todo o mundo, e passamos a abrir a igreja regularmente aos fins de semana para aqueles visitantes que desejassem observar nossas atividades.

Esses encontros exigiram que eu sintetizasse as ações que estavam produzindo tantos frutos na cidade. Minhas palestras eram baseadas em um curso que eu havia desenvolvido no Westminster em resposta à pergunta “O que faz com que o ministério em torno do evangelho seja fiel e frutífero?”. Mas aquelas aulas haviam sido bem mais teóricas. Agora o que se pedia era que eu falasse sobre os princípios de ministério fundamentados em nossa experiência diária com o trabalho realizado em Manhattan em torno do evangelho.

Identificar esses “princípios ministeriais” não foi tarefa fácil para mim, no entanto, porque o que eu desejava dizer aos observadores não se encaixava muito bem nas categorias existentes.

Normalmente, são dois os tipos de livros escritos para pastores e líderes da igreja. Um deles oferece princípios bíblicos gerais para todas as igrejas. Esses livros começam com uma exegese das Escrituras e com uma teologia bíblica, para depois enumerar as características e funções da igreja verdadeiramente bíblica. A característica mais importante é que o ministro seja fiel à Palavra e à sua doutrina, mas esses livros também, como é seu dever, estabelecem padrões bíblicos de evangelismo, de liderança eclesiástica, de vida em comunidade e filiação a uma igreja local, de culto e serviço. Tudo isso é importante, mas conheci muitos pastores que conduziram seu ministério com base nesses princípios sólidos e que colheram muitos frutos onde estavam, mas, ao se mudarem para Nova York — embora continuassem a operar com essa mesma base sólida —, exerceram bem menos impacto do que onde antes estavam. Concluí que um entendimento sobre as marcas bíblicas da igreja saudável era absolutamente fundamental e necessário, mas algo mais precisava ser levado em conta para que o ministério em torno do evangelho fosse produtivo.

Uma segunda categoria de livros opera na outra ponta do espectro. Esses livros não gastam muito tempo apresentando fundamentos oriundos de uma teologia bíblica, embora quase todos citem passagens bíblicas. Ao contrário disso, são manuais práticos que descrevem tendências, programas e maneiras específicos de fazer igreja. Esse gênero de livro explodiu no cenário americano nas décadas de 1970 e 1980, durante o movimento de crescimento da igreja, por meio dos escritos de homens como C. Peter Wagner e Robert Schuller. Uma segunda

geração de livros de estilo parecido surgiu com relatos pessoais de igrejas bem-sucedidas, escritos por pastores-titulares, transmitindo princípios práticos para ser postos em prática por outras pessoas. Uma terceira geração de livros funcionais sobre a igreja surgiu há mais de dez anos. São obras que criticam abertamente os “manuais” de crescimento da igreja. Mesmo assim, também são, em grande maioria, compostos por estudos de casos e retratos do que vem a ser uma boa igreja na prática, oferecendo conselhos práticos para organizar e conduzir o ministério. É preciso dizer que quase sempre me beneficiei dessas obras, das quais tirei pelo menos uma boa ideia para pôr em prática.

LIVROS SOBRE IGREJAS BÍBLICAS

O livro *Nove Marcas de uma Igreja Saudável* (São José dos Campos: Fiel, 2011), de Mark Dever, é um dos livros mais práticos e úteis sobre “princípios bíblicos para igrejas”. Dois livros de leitura também acessível, mas com uma perspectiva presbiteriana, são *Living in Christ’s Church* [Vivendo na Igreja de Cristo] (Philadelphia: Great Commission Publications, 1986), de Edmund P. Clowney, e *City on a Hill: Reclaiming the Biblical Pattern for the Church in the 21st Century* [A cidade sobre um Monte: Resgatando o Padrão Bíblico para a Igreja no Século 21] (Chicago: Moody, 2003), de Philip Graham Ryken. O livro *O Desenvolvimento Natural da Igreja: Guia Prático para Cristãos e Igrejas que se Decepcionaram com Receitas Mirabolantes de Crescimento* (trad. Valdemar Kroker, Curitiba: Esperança, 1997), de Christian A. Schwarz, segue a mesma linha, mas com menos enfoque doutrinário. O livro *The Living Church* [A Igreja Viva] (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 2007), de John Stott, é uma introdução por uma perspectiva anglicana. [Ver *Sinais de Uma Igreja Viva: As Marcas de Uma Igreja Cheia do Espírito Santo* (trad. João Alberto Ferraz Barros, São Paulo: ABU, 2006).] A melhor teologia da igreja em nível acadêmico (embora ainda acessível) é *A Igreja* (trad. Rubens Castilho e Vagner Barbosa, São Paulo: Cultura Cristã, 2007), de Edmund P. Clowney.

LIVROS SOBRE “COMO FAZER IGREJA”

Os livros *Your Church Can Grow* [Sua Igreja Pode Crescer] (Ventura, Calif.: Regal, 1984) e *Your Church Can Be Healthy* [Sua Igreja Pode Ser Saudável] (Nashville: Abingdon, 1979), de C. Peter Wagner, representam a primeira geração de livros práticos sobre crescimento da igreja. Mais recentemente, muitos livros que tratam do tema de forma influente foram escritos por pastores de igrejas grandes e muito bem-sucedidos. Entre alguns estão *Rediscovering Church: The Story and Vision of Willow Creek* [Redescobrimo a Igreja: A História e a Visão da Willow Creek] (Grand Rapids: Zondervan, 1997), de Bill e Lynne Hybels, *Uma Igreja com Propósitos* (trad. Carlos de Oliveira, São Paulo: Vida, 1997), de Rick Warren, e *Seven Practices of Effective Ministry* [Sete Práticas de um Ministério Eficaz] (Sisters, Ore.: Multnomah, 2004), de Andy Stanley. Muitos desses livros da segunda geração sobre crescimento da igreja compartilham a eficácia de algum programa ou prática ministerial específica. Um exemplo é *Sticky Church* [Igreja que “Gruda”] (Grand Rapids: Zondervan, 2008), de Larry Osborne, que ressalta o benefício dos pequenos grupos com programação baseada nas pregações, e *Fusion: Turning First-Time Guests into Fully Engaged Members of Your Church* [Fusão: Transformando Visitantes pela Primeira Vez em Membros Plenamente Engajados em sua Igreja] (Ventura, Calif.: Regal, 2008), de Nelson Searcey, que foca o cuidado e a integração do visitante.

A terceira geração de livros práticos é uma reação direta ao movimento de crescimento da igreja e das megaigrejas. A maioria desses livros oferece uma nova forma de fazer igreja pela perspectiva de um conceito norteador. O livro *Simple Church: Returning to God’s Process for Making Disciples* [Igreja Simples: Um Retorno ao Processo de Fazer Discípulos conforme Definido por Deus] (Nashville: Broadman & Holman, 2006), de Thom Rainer, vê o discipulado como o segredo. O livro *Igreja Total: Repensando Radicalmente nossa Apresentação do Evangelho na Comunidade* (Rio de Janeiro: Tempo de Colheita, 2011), de Tim Chester e Steve Timmis, repensa a igreja da perspectiva da comunidade. *The Trellis and the Vine: The Ministry Mind-Shift that Changes Everything* [A Grade e a Videira: A Mudança

Mas, em geral, esses livros foram menos úteis do que eu esperava. Implícita ou explicitamente, tornavam técnicas e modelos que funcionaram em algum lugar, em certo tempo, verdades quase absolutas. Era praticamente certo que muitos desses métodos não funcionariam em Nova York e não seriam aplicáveis de modo universal, como os autores sugeriam. Em particular, líderes evangélicos fora dos Estados Unidos achavam esses livros irritantes, em virtude da suposição dos autores de que algo que funcionava em um bairro americano funcionaria em quase qualquer outro lugar.

À medida que eu ia sendo pressionado a falar e a escrever sobre a experiência de nossa igreja, notei que a maioria das pessoas insistia em que eu escrevesse minha própria versão do segundo tipo de livro. Os pastores não queriam que eu recapitulasse as doutrinas bíblicas e os princípios para a vida da igreja que eles tinham aprendido no seminário. Em vez disso, estavam em busca de um livro que revelasse os “segredos do sucesso”. Queriam instruções para programas e técnicas específicos que atraíssem pessoas de centros urbanos. Um pastor disse: “Já tentei o modelo Willow Creek. Agora estou pronto para tentar o modelo Redeemer”. As pessoas nos procuravam porque sabiam que estávamos florescendo em uma das cidades menos alcançadas pela igreja e mais secularizadas dos Estados Unidos. Entretanto, quando as pessoas começaram a visitar nossa igreja no início e em meados da década de 1990, ficaram decepcionadas, porque não encontraram um “modelo” novo — pelo menos não na forma de programas novos e diferentes. À primeira vista, parecíamos muito tradicionais. Para alcançar os jovens pós-moderanos que não frequentam uma igreja, muitos ministros pregam em galpões, vestem-se informalmente, sentam-se em banquinhos, mostram clipes de vídeo e tocam rock independente. Não fazíamos nada disso em

nossa igreja, mas ainda assim contávamos com a presença de milhares de jovens exatamente do tipo secular e sofisticado que a igreja não estava alcançando.

Assim, por exemplo, nos cultos da manhã temos música clássica e nos da noite, jazz. Como isso não é nada comum, alguns perguntam: “É assim que vocês alcançam o pessoal da cidade? É esse o segredo?”. Minha resposta imediata é: “Não, não é. Não só é provável que você chegue a conclusões diferentes sobre música em diferentes cidades do mundo, mas também sempre houve e há outras maneiras eficientes de usar a música no culto com resultado na cidade de Nova York”. Outros concluíram que o segredo está no tipo de mensagem apresentada em nossa igreja. Notaram que faço muitas citações de fontes literárias e da mídia secular, e deduziram, assim, que essa é a maneira de alcançar um grande número de pessoas nos centros urbanos. Contudo, é possível adotar esse estilo e não obter muitos resultados. A mensagem prende a atenção do jovem secularizado não porque o pastor mostra trechos de seus filmes preferidos, porque se veste de modo informal e soa sofisticado, mas porque o pastor entende tão bem o coração e a cultura do ouvinte, que este sente a força da lógica do sermão, mesmo que no fim não concorde com ele. Isso não é questão de estilo ou programa.

Durante todos esses anos organizando esses encontros, tornou-se claro que o verdadeiro “segredo” dos frutos da Redeemer não está em seus programas ministeriais, mas em algo que se dava em nível mais profundo. Não era tão importante que os observadores compreendessem a nossa vertente ministerial em particular, mas, sim, que entendessem como chegamos às modalidades que usamos em nossa igreja. Pensamos muito e seriamente sobre o caráter e as implicações do evangelho e, depois, muito e seriamente também sobre a cultura da

de Visão Ministerial que Transforma Todas as Coisas] (Kingsford, Australia: Matthias Media, 2009), de Colin Marshall e Tony Payne, enxerga o treinamento de ministros leigos na Palavra como o ângulo do ministério. *The Church of Irresistible Influence: Bridge-Building Stories to Help Reach Your Community* [A Igreja de Influência Irresistível: Histórias que Constroem uma Ponte para Ajudar a Alcançar Sua Comunidade] (Grand Rapids: Zondervan, 2001), de Robert Lewis, e *The Externally Focused Church* [A Igreja Voltada para Fora] (Loveland, Colo.: Group, 2006), de Rick Rusaw e Eric Swanson, ressaltam o serviço à comunidade e o envolvimento com ela como o caminho a trilhar.

Com o rótulo “igreja missional”, tem surgido um conjunto de livros bem diferentes que se caracterizam por uma “reação contrária ao movimento de crescimento da igreja”. Entre os primeiros exemplos estão *ChurchNext: Quantum Changes in How We Do Ministry* [Igreja a Seguir: Mudanças Quânticas na Forma de Exercermos o Ministério] (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 2000), de Eddie Gibbs, *The Present Future* [O Futuro Presente] (2003), de Reggie McNeal, e *Emerging Churches: Creating Christian Community in Postmodern Cultures* [Igrejas Emergentes: Criando Comunidades Cristãs em Culturas Pós-Modernas] (Grand Rapids: Baker, 2005), de Ryan Bolger. Entre alguns exemplos mais recentes estão *Missional Renaissance* [Renascerça Missional] (2009) e *Missional Communities* [Comunidades Missionais] (2011), de Reggie McNeal, publicados pela Jossey-Bass, e *Missional Small Groups: Becoming a Community that Makes a Difference in the World* [Grupos Pequenos Missionais: Tornando-se uma Comunidade que Faz uma Diferença Positiva no Mundo] (Grand Rapids: Baker, 2010), de M. Scott Boren. Veja na sexta parte (“Comunidade missional”) mais informações sobre o movimento missional na igreja. Ver também *Missional: Uma Jornada da Devoção à Missão* (Rio de Janeiro: Interferência, 2012), de João Costa.

cidade de Nova York, sobre as susceptibilidades tanto de cristãos quanto de não cristãos em nosso meio e sobre os contornos emocionais e intelectuais do centro cultural e financeiro da cidade. A natureza dessa

análise e desse processo de decisão, e não seu produto especificamente, é que foi fundamental para o florescimento do nosso ministério em um centro urbano global. Queríamos ser moldados pelo que Jonathan Edwards denominava “os códigos de conduta do evangelho”.² Não escolhíamos as músicas ou ilustrações do sermão simplesmente para satisfazer nossas preferências e nos sentirmos felizes, assim como Cristo não viveu para agradar a si mesmo.

O “segredo” dos frutos da Redeemer não está na vertente ministerial em particular por nós representada, mas, sim, na maneira em que chegamos às modalidades que usamos em nossa igreja.

HARDWARE, MIDDLEWARE, SOFTWARE
O que seria exatamente esse nível mais profundo? Com o passar do tempo, comecei a perceber que era aquele espaço entre duas dimensões mais óbvias do ministério. Todos temos uma *base doutrinária* — um conjunto de crenças teológicas — e todos praticamos *formas de ministério* específicas. Muitos ministros, porém, adotam programas e práticas ministeriais inadequados tanto às suas crenças doutrinárias quanto ao seu contexto cultural. Basicamente “importam” métodos famosos — estranhos à teologia ou ao ambiente da igreja (ou aos dois!). E, quando isso acontece, notamos a escassez de frutos. Esses ministros não transformam a vida das pessoas dentro da igreja e não alcançam a cidade. Por quê? Porque os programas não resultam, de forma natural, de uma reflexão sobre o evangelho e sobre os aspectos singulares da cultura ao redor.

Imaginemos, por exemplo, que um pastor com um ministério bem-sucedido em um bairro de classe alta, afastado da

cidade, se mude para a região urbana. Ele continua a pregar e a pastorear exatamente como antes, e logo percebe uma queda alarmante na frequência aos cultos e na transformação das pessoas. Ele tem três opções. A primeira seria simplesmente continuar a agir da mesma forma e atribuir a falta de frutos à dureza de coração dos moradores da cidade. A segunda opção seria ler livros em busca de novos programas que deram certo em outros lugares — geralmente em bairros de classe média alta nos arredores de cidades americanas — e descobrir que, quando colocados em prática, esses programas também são ineficazes em seu novo ambiente. A terceira opção seria o pastor começar a achar que precisa reestruturar e mudar sua base doutrinária, concluindo que no mundo contemporâneo as pessoas não aceitam os ensinamentos tradicionais sobre juízo e expiação. No entanto, seja qual for a opção, o pastor não está conseguindo enxergar o espaço entre doutrina e prática — o espaço em que refletimos profundamente sobre nossa teologia e sobre nossa cultura para compreender como as duas podem moldar nosso ministério. Isso nos leva a escolher melhor dentre os métodos já existentes de ministério ou ao desenvolvimento de outros mais promissores.

Desse modo, se você pensa em sua base doutrinária como o “hardware” e nos programas de ministério como o “software”, é importante entender a existência de algo chamado “middleware”. Não sou perito em informática (para dizer o mínimo), mas meus amigos que dominam o assunto me explicaram que “middleware” é a camada de software que fica entre o hardware, o sistema operacional e os vários aplicativos empregados pelo usuário. Da mesma forma, deveria existir, entre nossas crenças doutrinárias e nossas práticas ministeriais, uma visão muito bem concebida de como aplicar o evangelho à cultura e ao momento

histórico em particular. Isso é algo mais prático do que simples crenças doutrinárias, mas muito mais teológico do que os passos de um “manual” sobre como desenvolver determinado ministério. Quando essa visão é implantada, com suas ênfases e valores, os líderes da igreja são levados a tomar boas decisões sobre culto, discipulado, evangelismo, serviço e engajamento cultural em sua área de ministério — seja em uma região central, em bairros mais afastados e de classe média alta ou em cidades menores.

VISÃO TEOLÓGICA

Esse “middleware” é parecido com o que Richard Lints, professor de teologia do Seminário Gordon-Conwell, chama de “visão teológica”.³ De acordo com Lints, nossa base doutrinária, retirada da Bíblia, é o ponto de partida de todas as coisas:

Em primeiro lugar, a teologia deve ser uma conversa com Deus [...] Deus fala, e nós ouvimos [...] A estrutura teológica cristã diz respeito primeiramente a ouvir — ouvir a Deus. Um dos grandes perigos que enfrentamos na prática da teologia é nosso desejo de dominar a conversa [...] Geralmente caímos nessa tentação quando estabelecemos limites conceituais ilegítimos ao que Deus pode dizer e de fato disse na Palavra [...] Forçamos os limites quando apresentamos a mensagem da redenção dentro de um pacote cultural que distorce suas verdadeiras intenções. Ou tentamos enxergar o evangelho unicamente da perspectiva de uma tradição com poucos vínculos vitais com a obra redentora de Cristo na cruz, ou impomos restrições racionais ao próprio conceito de Deus, em vez de permitir que ele defina os conceitos de racionalidade.⁴

No entanto, só a base doutrinária não é suficiente. Antes de escolher métodos

específicos de ministério, pergunte-se de que maneira suas crenças doutrinárias “podem se relacionar com o mundo moderno”. O resultado desse questionamento “forma[rá] a visão teológica”.⁵ Em outras palavras, a visão teológica é aplicada ao que você *fará* com sua doutrina em um tempo e em um lugar específicos. E de onde vem a visão teológica? Lints mostra que ela é fruto, claro, de uma profunda reflexão bíblica, mas também depende bastante de como entendemos a cultura ao redor.

Lints explica por que não podemos nos contentar apenas com nossa base doutrinária, mas temos ainda de examinar nosso entorno — nosso momento histórico e nossa localização cultural:

Depois de reconhecer a fonte de nossa conversão [Deus], temos então de levar em conta as pessoas com quem Deus fala. Deus não fala num vácuo, mas a pessoas e por intermédio delas, e na história e por meio dela. O falar de Deus [...] é dirigido a pessoas de diferentes histórias culturais, e por esse motivo (entre outros) muitas vezes é mal entendido e mal interpretado...

Nicodemos e os fariseus apoiavam-se em uma tradição, estavam condicionados a uma cultura e aplicavam certos princípios de racionalidade às próprias conversas com Jesus. Fazemos o mesmo hoje. É [...] vital que] o povo de Deus [desenvolva] uma percepção de seus filtros histórico, cultural e racional, para que não seja governado por eles.⁶

Creio que isso revela uma (entre outras) das mais fundamentais causas da falta de frutos. Temos de discernir onde e como a cultura pode ser desafiada e apoiada. As respostas a essas perguntas têm um impacto enorme em nossa pregação e evangelização e em nossa maneira de organizar, liderar,

discipular e pastorear o rebanho. Lints faz esta importante observação:

A visão teológica permite [às pessoas] verem sua cultura de maneira diferente de como sempre viram [...] Aqueles capacitados pela visão teológica não vão simplesmente contra os estímulos modernos da cultura, mas tomam a iniciativa de entender e se comunicar com ela do ponto

A FORMAÇÃO DA VISÃO TEOLÓGICA

De acordo com Richard Lints, em *The Fabric of Theology* [A Malha da Teologia], quatro fatores influenciam a formação da visão teológica. A base, claro, é *ouvir a Bíblia para alcançarmos nossas crenças doutrinárias* (p. 57-80). O segundo fator é *refletir sobre a cultura* (p. 101-16), perguntando o que é a cultura moderna e quais de seus impulsos devem ser criticados e quais devem ser validados. O terceiro fator é a *nossa própria compreensão da razão* (p. 117-35). Algumas pessoas entendem que a razão humana é capaz de levar o não cristão para bem perto da verdade, ao passo que outros rejeitam essa posição. Nossa compreensão sobre a natureza da racionalidade humana determinará nossa maneira de pregar aos não cristãos, de evangelizá-los, de argumentar com eles e de cativá-los. O quarto fator é o papel da *tradição teológica* (p. 83-101). Alguns cristãos são antitradicionalistas que se sentem livres para praticamente reinventar o cristianismo a cada geração sem dar nenhum valor aos intérpretes da comunidade cristã do passado. Outros valorizam muito a tradição e opõem-se à inovação no que diz respeito à pregação do evangelho e à prática do ministério.

Lints argumenta que aquilo que cremos em relação à cultura, à razão e à tradição influenciará nossa compreensão do que as Escrituras afirmam. E mesmo que três pastores abracem o mesmo conjunto de crenças doutrinárias, se tiverem perspectivas diferentes da cultura, da razão e da tradição, suas visões teológicas e o formato de seus ministérios serão bem diferentes.

de vista bíblico [...] A visão teológica moderna deve buscar levar todo o conselho de Deus à sociedade de sua época para que sua época seja transformada.⁷

A visão teológica moderna deve buscar levar todo o conselho de Deus à sociedade de sua época para que sua época seja transformada.

Proponho uma série de perguntas semelhantes, mas um pouco mais específicas para o desenvolvimento de uma visão teológica. Ao respondermos a estas perguntas, veremos surgir uma visão teológica:

- O que é o evangelho e como o aplicamos ao coração das pessoas hoje?
- Como é esta cultura especificamente e como podemos estabelecer uma conexão com ela e ao mesmo tempo desafiá-la em nossa comunicação?
- Onde estamos localizados — grande centro urbano, bairro elegante e mais afastado da cidade, cidade pequena, zona rural — e como isso afeta nosso ministério?
- Até que ponto e de que maneira os cristãos devem se envolver na vida da cidade e na produção cultural?
- Como os vários ministérios da igreja — palavras e ações, comunidade e instrução — se relacionam uns com os outros?
- Até que ponto nossa igreja será inovadora e até que ponto será tradicional?
- Como nossa igreja vai se relacionar com outras igrejas da cidade e da região?
- Como defenderemos a verdade do cristianismo diante da cultura?

Esse conceito de visão teológica explica como, por exemplo, nossa denominação presbiteriana conservadora, na qual todas as igrejas seguem a mesma base doutrinária detalhada (*Confissão de Fé de Westminster*) pode ser completamente dividida quanto a métodos e modalidades ministeriais como música, estilo de pregação, maneiras de enxergar a organização e a liderança, formas de alcançar a comunidade e assim por diante. Isso acontece porque igrejas com a mesma base doutrinária são moldadas por visões teológicas diferentes e por isso respondem de maneira diferente às perguntas sobre cultura, tradição e racionalidade.

Por exemplo, algumas igrejas acreditam que praticamente toda cultura popular é corrompida e, assim, não usam músicas populares nos cultos. Outras não têm nenhum problema com isso. Por quê? Não é somente uma questão de preferência pessoal. Perguntas implícitas de visão teológica estão sendo feitas e respondidas quando tomamos essas decisões. As diferenças fundamentais geralmente se dão entre visões teológicas concorrentes, mas, como a visão teológica é muitas vezes invisível, as pessoas inevitavelmente (e infelizmente também) concluem que as diferenças são doutrinárias.

Poderíamos argumentar que o fato de nos familiarizarmos com a visão teológica como uma categoria em si nos ajuda a entender muitos conflitos nas igrejas locais e denominações. Nossas declarações e confissões de fé não explicam aquilo que em nossa cultura pode ser apoiado e o que deve ser desafiado; também não falam abertamente sobre nosso relacionamento com a tradição e com o passado cristão, nem refletem muito sobre o funcionamento do raciocínio humano. No entanto, nossos ministérios são profundamente moldados pelas suposições que temos a respeito desses assuntos. Quando encontramos

pessoas que dizem crer em nossas doutrinas, mas realizam o ministério de uma forma que nos desagrada imensamente, somos propensos a achar que elas se afastaram de seus compromissos doutrinários. E isso pode mesmo ter acontecido, mas é igualmente provável que elas não tenham se perdido e que estejam apenas trabalhando com uma visão teológica diferente. Enquanto não tornarmos essas pressuposições mais visíveis e conscientes, entenderemos uns aos outros de forma errada e dificultaremos o respeito mútuo.

Talvez pudéssemos representar isso como o fizemos no diagrama da página seguinte. Nossa visão teológica, fruto de nossa base doutrinária e incluindo leituras implícitas ou explícitas da cultura, é a causa mais imediata de nossas decisões e escolhas quanto à modalidade ministerial.

O que é, então, uma visão teológica? É uma reafirmação fiel do evangelho, com implicações valiosas para a vida, para o ministério e para a missão, em determinado tipo de cultura e em certo momento da história.

POR QUE UM LIVRO INTEIRO SOBRE VISÃO TEOLÓGICA?

A necessidade de explicar e esquematizar essas percepções tornou-se mais evidente quando começamos a plantar igrejas — primeiro na cidade de Nova York e depois em outras cidades globais. Queríamos ajudar plantadores de igreja a aprender quanto pudessem com nossa reflexão e experiência, mas não tínhamos nenhum interesse em reproduzir pequenas cópias de nossa igreja, uma vez que sabíamos que cada cidade — na verdade, cada bairro — era diferente. Acreditávamos que uma cidade precisava de todos os tipos de igreja para alcançar todos os tipos de pessoa. E sabíamos também que o plantador de igreja precisa *criar* o ministério, e não reproduzi-lo. Queríamos ajudar

O QUE FAZER

Com que modalidade o evangelho é expresso em certa igreja, de certa comunidade, em determinada época.

- Adaptação cultural ao contexto local
- Estilo e programação de culto
- Processos de discipulado e de evangelismo
- Governo e administração da igreja



COMO ENXERGAR

Uma reafirmação fiel do evangelho, com implicações valiosas para a vida, para o ministério e para a missão, em determinado tipo de cultura e em certo momento da história.

- Visão e valores
- "DNA" do ministério
- Ênfases e posturas
- Filosofia de ministério



EM QUE CRER

Verdades eternas da Bíblia a respeito de Deus, de nosso relacionamento com ele e de seus propósitos no mundo.

- Tradição teológica
- Filiação denominacional
- Teologia bíblica e sistemática



a plantar igrejas diferentes da Redeemer em muitos aspectos que mesmo assim fossem iguais a ela de alguma forma, ainda que difícil de definir claramente. Para que isso acontecesse, teríamos de começar a articular uma visão teológica que se situasse em algum ponto entre crenças doutrinárias de um lado e programas ministeriais específicos de outro.

A visão teológica é uma reafirmação fiel do evangelho, com implicações valiosas para a vida, para o ministério e para a missão, em determinado tipo de cultura e em certo momento da história.

A Redeemer City to City é uma organização sem fins lucrativos e envolvida na plantação de igrejas em cidades globais de todos os continentes, atravessando uma grande variedade de tradições teológicas. Não é de surpreender que quase todos os nossos centros de treinamento e de mentoreamento sobre a visão teológica delineiem este livro. Depois de analisarmos os possíveis plantadores de igreja quanto a seus dons e solidez teológica, gastamos relativamente pouco tempo em bases doutrinárias (embora nosso treinamento seja altamente teológico) ou em modalidade ministerial (embora os plantadores de igreja lutem com problemas concretos de modalidade e forma em suas respectivas igrejas). Segue-se aqui o que descobrimos em duas décadas de experiência.

1. A visão teológica é custosa, mas necessária aos pastores. Os pastores em contextos urbanos têm dificuldade de relacionar a base doutrinária e a modalidade ministerial de modo significativo. Existe uma tendência ou de supercontextualizar em relação à cidade (o que geralmente

causa enfraquecimento ou relativização do compromisso da igreja com a ortodoxia), ou de subcontextualizar (o que resulta em igrejas fechadas em si mesmas que alcançam apenas certos tipos de pessoa, mas não conseguem formar um movimento em torno do evangelho na comunidade). Mas descobrimos que a qualidade da visão teológica normalmente determina a vitalidade do ministério, particularmente em cenários urbanos.

2. Ela é transferível e adaptável.

Descobrimos que essa visão teológica é altamente transferível a igrejas ortodoxas e confessionais em muitos contextos e estilos culturais. Se focamos a visão teológica, podemos realmente servir todo um movimento, em vez de simplesmente criar ou inspirar igrejas à nossa própria imagem. Isso também satisfaz àqueles líderes empreendedores que não querem reinventar a doutrina nem receber um modelo a ser implementado, mas desejam criar novas e atraentes modalidades de ministérios.

3. Tem um alcance para além das igrejas.

Descobrimos que essa visão teológica não apenas serve de combustível para a plantação e a condução de igrejas, mas também toca todos os tipos de ministério, até mesmo a missão e a vocação do ministro leigo.

IGREJA CENTRADA

Neste livro, chamaremos nossa visão teológica — esse conjunto específico de ênfases e posturas de ministério — de “igreja centrada”. Reconheço que nos últimos anos tem havido uma tendência de publicar livros com o título *igreja* _____, e embarco nessa inclinação com dois perigos em mente. Minha primeira preocupação é que o termo seja usado como rótulo ou como ferramenta de diagnóstico, como, por exemplo: “*Esta aqui* é uma igreja centrada, mas *aquela* não é”. Certamente tentarei

evitar esse tipo de rótulo perigoso, e peço a você que faça o mesmo. Minha segunda preocupação é que as pessoas enxerguem acepções meramente doutrinárias, como se a Redeemer estivesse defendendo que, para ser um cristão fiel, é preciso adotar uma postura neutra em questões de doutrina. Isso não tem nada que ver com o nosso significado do termo.

Apesar dessas questões, escolhemos esse título por várias razões.

1. O evangelho está no centro.

Na primeira seção, buscarei mostrar que ter um ministério que crê no evangelho e que até mesmo o proclama é bem diferente de ter um ministério centrado no evangelho.

2. O centro é o lugar do equilíbrio.

Neste livro, falaremos muito sobre a necessidade de buscarmos o equilíbrio, como faz a Escritura, *entre* um ministério de palavra e um ministério de obras, *entre* desafiar e apoiar a cultura, *entre* engajamento cultural e distanciamento contracultural, *entre* compromisso com a verdade e generosidade para com os que não partilham das mesmas crenças, *entre* tradição e prática inovadora.

3. Essa visão teológica é moldada por e para centros urbanos e culturais.

A Redeemer e as outras igrejas que ajudamos a plantar desenvolvem seu ministério no centro cultural e financeiro da cidade. Acreditamos que o ministério realizado no centro de cidades globais seja a maior prioridade da igreja do século 21. Embora essa visão teológica possa ser aplicada em muitas situações, ela é especialmente marcada pela experiência urbana.

4. A visão teológica está no centro do ministério.

Como dissemos antes, a visão teológica constrói uma ponte entre a doutrina e a modalidade de ministério. É importantíssima para a maneira em que todo o ministério acontece. Duas igrejas podem ter estruturas doutrinárias e modalidades ministeriais diferentes, mas a mesma

"MIDDLEWARE", VISÃO TEOLÓGICA E DNA

Ao ver que estávamos distantes tanto do geral (discussões de base sobre o que a igreja deveria ser) quanto do particular (programas e estilos detalhados), tínhamos de descobrir um meio de explicar o que queríamos dizer. Não costumamos usar o termo "visão teológica" nem a metáfora do "middleware". Na Redeemer, normalmente usamos a expressão "DNA" do evangelho para a cidade.

Por que usamos especificamente essa imagem? O DNA é um conjunto de instruções no interior da célula de um organismo que orienta seu desenvolvimento, crescimento e autorreprodução. A teologia evangélica ortodoxa — as doutrinas clássicas do evangelho bíblico — é o cerne do ministério da Redeemer. Queremos que nossa doutrina funcione como um controlador e propulsor do nosso ministério, e isso só acontecerá se usarmos a doutrina como geradora da visão teológica. Para tanto, perguntamos: "Como essa doutrina imutável que brota do evangelho deve ser comunicada e incorporada em uma grande metrópole como Nova York em nossos dias?". Nossas respostas — nossa visão teológica — são o DNA que nos capacita a escolher ou desenvolver modalidades de ministério não apenas condizentes com nossos compromissos doutrinários, mas que se adaptem ao nosso tempo, lugar e cultura. Consequentemente, nosso ministério pode se desenvolver, crescer e se autorreproduzir de modo frutífero.

No fim, metáforas diferentes, como middleware e DNA, ajudam a explicar melhor certos aspectos de como uma visão teológica funciona.

visão teológica — e por isso se sentirão como irmãs. Já outras duas igrejas podem ter estruturas doutrinárias e modalidades ministeriais semelhantes, mas visões teológicas diferentes — e por isso se sentirão diferentes uma da outra.

COMPROMISSOS DA IGREJA CENTRADA

A visão teológica da igreja centrada pode ser expressa de forma mais simples se apresentarmos seus três compromissos básicos: *evangelho, cidade e movimento*.⁸

Evangelho. Tanto a Bíblia quanto a história da igreja mostram que é possível defender cada uma das doutrinas bíblicas corretas, mas, na prática, perder a compreensão do evangelho. D. Martyn Lloyd-Jones argumenta que, assim como claramente perdemos o evangelho sempre que caímos na heterodoxia, da mesma forma também deixamos, na prática, de pregar e aplicar o evangelho à nossa própria vida em razão de uma ortodoxia morta ou de ênfases doutrinárias desequilibradas. Sinclair Ferguson defende que há muitas formas de legalismo e de antinomismo, algumas das quais são baseadas em flagrante heresia, mas, mais comumente, se baseiam em questões de ênfase e de inclinação.⁹ É fundamental, portanto, em cada nova geração e cenário, que encontremos maneiras de *comunicar o evangelho de modo claro e notável*, diferenciando-o de seus opositores e imitadores. Esse assunto em particular não é apenas hardware, mas também é middleware. Grupos que concordam em todas as doutrinas básicas podem, ainda, discordar intensamente quanto à ênfase, ao tom e às inclinações, como visto na "Controvérsia em torno do Cerne", na Igreja da Escócia, durante o início do século 18, quando todos os grupos concordavam inteiramente com a *Confissão de Fé de Westminster*, e, mesmo assim, uma parte significativa da igreja estava caindo no legalismo. Por outro lado, comunicar o evangelho corretamente em seu tempo e onde você se encontra não é simples questão de seguir um manual de programação.

Cidade. Uma segunda área muito importante da visão teológica da igreja centrada diz respeito ao contexto cultural.

Todas as igrejas devem entender e amar sua comunidade e seu ambiente social, identificando-se com eles e, ao mesmo tempo, sendo capazes de criticá-los e desafiá-los, além de estarem também dispostas a fazê-lo. Como a Redeemer era um ministério que operava em um importante centro urbano, tivemos de gastar um tempo estudando a Bíblia para ver o que ela dizia sobre as cidades em particular — e, para nossa surpresa, descobrimos que ela dizia muita coisa a esse respeito. Cada igreja, esteja ela localizada na cidade, nos bairros mais afastados de classe média alta ou na zona rural (e existem muitos elementos que se alteram ou se combinam entre um e outro desses ambientes), deve familiarizar-se com as características da vida humana nessas regiões e passar a ser versada nessas questões. Mas também precisamos pensar como o cristianismo e a igreja se engajam e interagem com a cultura em geral. Essa questão tem-se tornado crucial à medida que a cultura ocidental se torna cada vez mais pós-cristã. Igrejas com fundamentos bíblicos semelhantes têm chegado a conclusões espantosamente divergentes quanto à melhor forma de se relacionarem com a cultura, e a maneira em que elas enxergam como “Cristo se relaciona com a cultura” sempre causa um impacto drástico na modalidade de ministério que elas adotam. Novamente, o desenvolvimento de uma teologia da cidade e da cultura não é uma questão nem de teologia sistemática, nem de prática ministerial concreta. É um aspecto da *visão teológica*.

Movimento. A última área da visão teológica diz respeito aos *relacionamentos* de sua igreja — com a comunidade, com o passado recente e mais profundo e com os outros ministérios e igrejas. Richard Lints ressalta que um dos elementos da visão teológica está relacionado ao que entendemos sobre a tradição. Algumas igrejas são altamente

institucionais, com uma forte ênfase em seu próprio passado, enquanto outras são anti-institucionais, flexíveis e marcadas por constante inovação e mudança. Algumas igrejas se descrevem como leais a uma tradição eclesiástica em particular — e, assim, valorizam liturgias e práticas ministeriais tradicionais e históricas. Pessoas que se identificam fortemente com uma denominação em particular ou com tradições mais recentes geralmente resistem às mudanças. Na outra ponta do espectro, encontramos igrejas com bem pouco senso de passado teológico e eclesiástico que tendem a se relacionar facilmente com uma grande variedade de outras igrejas e ministérios. Todas essas perspectivas diferentes causam um grande impacto sobre como o ministério é realmente conduzido. Aqui também, não estão incluídas na teologia sistemática: essas questões não são resolvidas por confissões históricas ou declarações de fé. Mas, por outro lado, apresentam preocupações mais profundas do que aquelas que os livros sobre ministério prático conseguem responder.¹⁰

O EQUILÍBRIO DOS TRÊS EIXOS

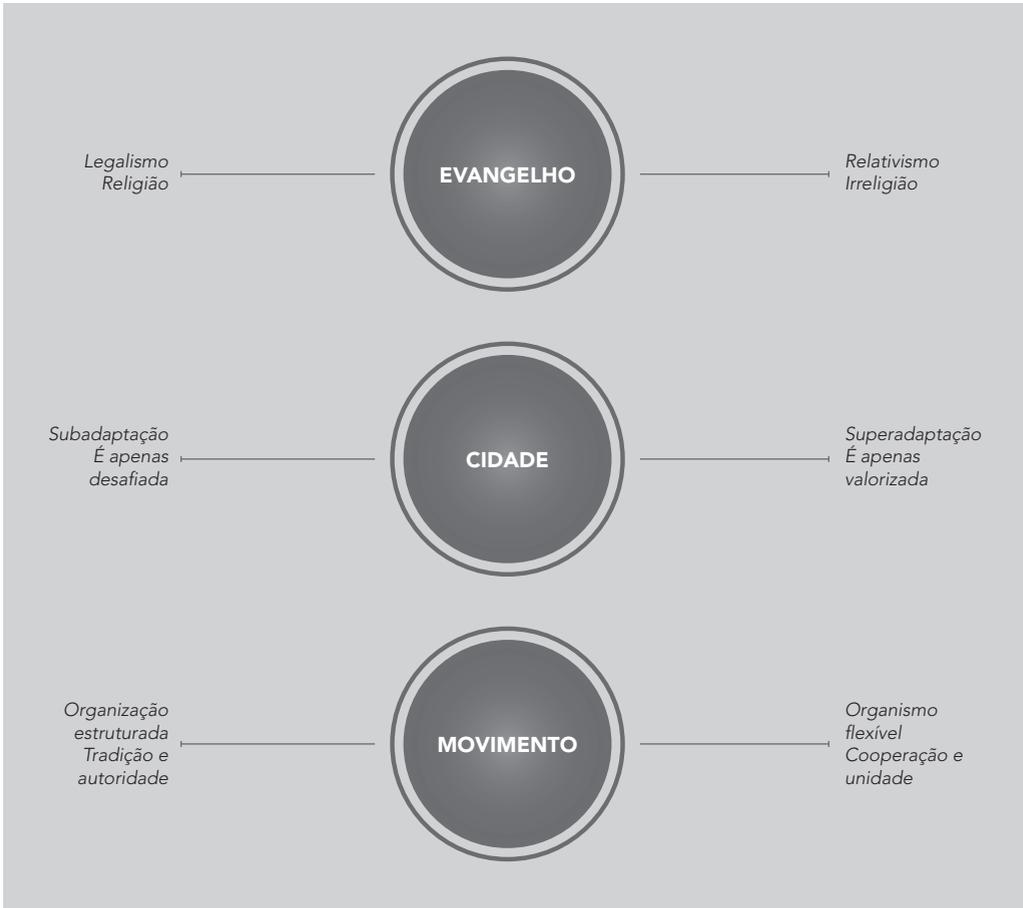
Uma das maneiras mais simples de explicar a abordagem do restante deste livro — e os princípios da visão teológica dentro de cada uma dessas categorias — é usar a figura de três eixos.

1. O eixo do *evangelho*. Em uma extremidade do eixo está o legalismo, o ensino que afirma (ou a inclinação que sugere) que podemos ser salvos pelo nosso modo de viver. Na outra extremidade está o antinomismo ou, em linguagem popular, o relativismo: a ideia de que não importa como vivemos; que Deus, se é que ele existe, ama a todos da mesma forma. Mas o evangelho, como argumentaremos mais adiante, não é legalista nem relativista. Somos salvos só pela fé e pela graça, mas jamais por uma fé que permanece só, desacompanhada.

A graça verdadeira sempre resulta em vidas transformadas, marcadas pela santidade e pela justiça. É claro que, em razão da heterodoxia, podemos perder o evangelho. Se, por exemplo, deixarmos de acreditar na divindade de Cristo ou na doutrina da justificação, sem dúvida nenhuma escorregaremos para o relativismo. Mas também é possível mantermos a sã doutrina e, ainda assim, sermos marcados por uma ortodoxia morta (uma inclinação para a justiça própria), por uma ortodoxia desequilibrada (um exagero no destaque a algumas doutrinas que obscurecem o chamado do evangelho) ou até por uma “ortodoxia desconexa”, resultante de quando as doutrinas são ensinadas,

como numa aula de teologia, por exemplo, mas sem serem harmonizadas com o objetivo de penetrar os corações de modo que as pessoas sejam convencidas do pecado e da beleza da graça de Deus. Nossa comunicação e nossas práticas não devem pender nem para a lei, nem para a licenciosidade. Se isso acontecer, elas perdem o poder de transformar vidas.¹¹

2. O eixo da *cidade* (poderia também ser chamado eixo da *cultura*). Mostraremos que, para alcançar as pessoas, precisamos valorizar e abraçar sua cultura, mas também é importante desafiar-la e confrontá-la. Isso se baseia no ensino bíblico de que todas as culturas trazem em si a graça



de Deus e a revelação natural, mas vivem na rebelião da idolatria. Caso nos superadaptamos à cultura, teremos aceitado seus ídolos. Mas, se estamos subadaptados, talvez tenhamos transformado nossa própria cultura em um ídolo, um absoluto. Quando há uma superadaptação à cultura, não somos capazes de transformar as pessoas porque não as estamos chamando a uma mudança. Se for esse o caso, ninguém será transformado, porque ninguém nos ouvirá; seremos confusos, ofensivos ou simplesmente desprovidos de qualquer poder de persuasão. À medida que um ministério se superadapta ou subadapta à cultura, ele perde o poder de transformar vidas.

3. O eixo do movimento. Algumas igrejas se identificam tanto com sua tradição teológica, que não conseguem se unir a outras igrejas evangélicas ou a outras instituições para alcançar a cidade ou trabalhar para o bem comum. Também são propensas a se prender fortemente a formas de ministério do passado, sendo altamente estruturadas e institucionais. Outras igrejas têm um grande apelo anti-institucional. Praticamente não têm identificação com nenhuma herança ou denominação em especial, tampouco se identificam muito com nenhum passado cristão. Muitas dessas igrejas não têm praticamente nenhum caráter institucional, sendo totalmente flexíveis e informais. Como mostraremos mais tarde, em qualquer dos extremos a igreja estanca o desenvolvimento da liderança e estrangula sua própria saúde como corpo, como comunidade.¹² Quando comete um desses erros, a igreja perde seu poder de dar vida.

Quanto mais esse ministério vier “do centro” de todos os eixos, mais dinâmico e frutífero ele será. O ministério que pende para qualquer extremidade do espectro ou eixo extinguirá seu poder de transformar a vida das pessoas que estão dentro dele ou que o cercam.

Espero que este livro seja especialmente útil àqueles que ministram em centros urbanos e culturais. No entanto, mesmo que você não esteja exatamente em lugares assim, creio que ainda possa ministrar “a partir do centro”, ao desenvolver a consciência sobre esses três eixos e ao ajustar as suas modalidades de ministério de modo adequado.

No restante do livro, explicarei da melhor maneira possível o que significa se centrar nos três compromissos que citamos: evangelho, cidade e movimento. A visão teológica da igreja centrada será dividida em oito elementos, que serão tratados em oito seções deste livro:¹³

Primeira seção: EVANGELHO

Primeira parte: Teologia a partir do evangelho. Procuramos ser caracterizados por nossa profundidade teológica em relação ao evangelho, e não pela superficialidade doutrinária, pelo pragmatismo, pela falta de reflexão e por uma filosofia motivada por métodos.

Segunda parte: Renovação pelo evangelho. Uma dose da graça é constantemente aplicada a tudo, para que o ministério não seja marcado pelo legalismo nem pelo intelectualismo frio.

Segunda seção: CIDADE

Terceira parte: Contextualização do evangelho. Somos sensíveis à cultura e não desconsideramos nosso momento cultural nem somos indiferentes às diversidades culturais entre os grupos.

Quarta parte: Visão para a cidade. Adotamos maneiras de ministrar com amor à cidade em vez de usar abordagens *hostis* e indiferentes a ela.

Quinta parte: Engajamento cultural. Somos engajados com a cultura e evitamos

ser muito triunfalistas ou muito afastados e subculturais em nosso posicionamento.

Terceira seção: MOVIMENTO

Sexta parte: Comunidade missional.

Cada aspecto da igreja é voltado para fora, preparando-se para a presença de não cristãos e apoiando os leigos em seu ministério na sociedade.

Sétima parte: Ministério integrativo. Ministramos em palavra e ação, ajudando a satisfazer as necessidades espirituais e físicas do pobre bem como das pessoas que vivem e trabalham em centros culturais.

Oitava parte: Dinâmica do movimento. Temos uma mentalidade de boa vontade e cooperação com outros cristãos, sem sermos fechados e sem desconfianças, mas desejosos de promover uma visão para a cidade inteira.¹⁴

Não estamos, portanto, traçando um “modelo Redeemer” neste livro. Não estamos falando aqui de uma “igreja de caixinha”.

Em vez disso, estamos traçando uma visão teológica específica para o ministério que, acreditamos, capacitará muitas igrejas a alcançar as pessoas do nosso tempo, particularmente onde a globalização ocidental do fim da modernidade está influenciando a cultura. Essa é uma realidade especialmente nas grandes metrópoles do mundo todo, porém essas mudanças culturais estão sendo sentidas por todos os cantos, e, assim, desejamos que este livro seja útil aos líderes da igreja em uma grande variedade de ambientes sociais. Recomendaremos uma visão para aplicar o evangelho à vida de nossos contemporâneos, para contextualizar, para entender as cidades, para se engajar culturalmente, para discipular com vistas à missão, para integrar diferentes ministérios e para criar a dinâmica de um movimento em sua congregação e no mundo. Esse conjunto de ênfases e valores — a visão teológica da igreja centrada — se aplica a todos os métodos e modelos de igreja e em todos os lugares. Temos certeza de que, se você abraçar o processo de explicitar sua visão teológica, fará escolhas muito mais sábias quanto ao modelo e ao método.

NOTAS

¹Charles H. Spurgeon, *Lectures to My Students*. Existem muitas edições desse livro em inglês, algumas disponíveis na Internet. Essa citação é extraída da lição 2: “O chamado para o ministério”. [Edição em português: *Lições aos Meus Alunos: Homilética e Teologia Pastoral* (São Paulo: PES, 1980).]

²Jonathan Edwards, “Christian Charity: The Duty of Charity to the Poor Explained and Enforced”, in *The Works of Jonathan Edwards*, edição de E. Hickman (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1974), vol. 2, p. 171. Nesse tratado, Edwards emprega a expressão “códigos de conduta do evangelho” para se referir à natureza da salvação operada por Cristo (autoentrega sacrificial aos pobres e quebrantados de espírito), que, por sua vez, deve influenciar nossa maneira de viver. Ele infere do evangelho que devemos: 1) perdoar aos que nos causam mal, 2) dar aos pobres, mesmo àqueles “que não merecem” e 3) ajudar as pessoas, mesmo sem condições de ajudar. Edwards ressalta que a morte reconciliatória e vicária de Cristo e nossa justificação gratuita têm implicações em todos os aspectos da nossa vida. Nesse ensaio, Edwards fornece um bom exemplo de como uma reflexão sobre os elementos centrais do evangelho nos leva a um comprometimento de ministrar aos pobres.

³*The Fabric of Theology: A Prolegomenon to Evangelical Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1993), p. 9.

⁴*Ibid.*, p. 82.

⁵*Ibid.*, p. 315.

⁶*Ibid.*, p. 83.

⁷*Ibid.*, p. 316-7.

⁸Essas três áreas correspondem, de forma geral, aos quatro fatores da visão teológica de Richard Lints, da seguinte maneira: 1) a categoria *evangelho* brota da nossa maneira de ler a Bíblia, 2) a categoria *cidade* nasce das nossas reflexões a respeito da cultura e 3) a categoria *movimento* surge do nosso entendimento a respeito da tradição. Paralelamente a isso, o quarto fator — a nossa visão da racionalidade humana — influencia nossa compreensão dos três primeiros. Ela exerce um impacto sobre nossa maneira de evangelizar os não cristãos, sobre quanto da graça comum conseguimos enxergar em determinada cultura e sobre quão institucionais (ou anti-institucionais) nós somos em nosso modo de pensar sobre a estrutura ministerial.

⁹Veja D. Martyn Lloyd-Jones, *Revival* (Wheaton, Ill.: Crossway, 1982) [edição em português: *Avivamento*, São Paulo: PES, 1993]; veja também as três palestras de Sinclair Ferguson sobre a “Controvérsia em torno do Cerne”, disponível em: www.sermonaudio.com/search.sp?seriesOnly=true&currSection=sermonstopic&SourceID=gpts&keyword=The+Marrow+Controversy&keyword=The+Marrow+Controversy, acesso em: 30 dez. 2011.

¹⁰Por exemplo, quase todos os livros populares sobre crescimento da igreja pressupõem que as igrejas não têm tradições eclesiais distintas. Eles tratam igrejas reformadas, anglicanas, metodistas, batistas e luteranas como se fossem todas iguais. Mas não oferecem nenhuma justificativa teológica nem exegética para essa conclusão. Simplesmente supõem que a tradição histórica significa pouco ou nada.

¹¹É possível argumentar que o eixo do evangelho não é como os demais. Nestes, a posição ideal é encontrada no meio, no equilíbrio entre os dois extremos. Contudo, Sinclair Ferguson (em suas palestras sobre a Controvérsia em torno do Cerne) e outros afirmam que o evangelho não é de forma alguma um equilíbrio entre duas coisas opostas, mas algo totalmente diferente. Aliás, é possível dizer que o legalismo e o antinomismo não são conceitos opostos, mas são, em essência, a mesma coisa — autossalvação — e, portanto, opostos ao evangelho. Por isso, por favor, observe que, quando colocamos o evangelho entre esses dois extremos, estamos apenas usando um recurso visual.

¹²O leitor atento perceberá que mais adiante neste livro aconselho as igrejas a *não* ocupar um espaço exatamente no meio do espectro entre uma organização estruturada e um organismo flexível. Sugiro que a igreja ocupe um espaço alguns passos mais perto da extremidade “organismo”, para manter um espírito de inovação e de criatividade. Embora esse esquema de três eixos não transmita com precisão tudo o que queremos dizer sobre cada assunto, é uma boa maneira de lembrar os temas e realces básicos.

¹³Algumas pessoas já observaram que esses oito elementos abordam, em geral, o mesmo assunto tratado por Francis Schaeffer em seu importante livrinho intitulado *2 Contents, 2 Realities* [2 Conteúdos, 2 Realidades] (Downers Grove: InterVarsity, 1975), baseado no discurso que proferiu no primeiro Congresso de Evangelização Mundial de Lausanne, em julho de 1974. A mensagem de Schaeffer abordou quatro elementos que ele julgava “imprescindíveis para que os cristãos atendam às necessidades de hoje e enfrentem as crescentes e esmagadoras pressões que estão diante de nós” (p. 7). Esses quatro elementos são: sã doutrina, engajamento contextual e cultural (“respostas sinceras a perguntas sinceras”), uma redescoberta espiritual do evangelho em nosso coração (“espiritualidade verdadeira”) e comunidade cristã vital e extraordinária (“a beleza dos relacionamentos humanos”). Espero que o equilíbrio dos elementos de Schaeffer estejam refletidos em minha lista, que é semelhante, mas um pouco mais específica.

¹⁴Os que conhecem a Redeemer certamente se perguntarão por que este livro não tem uma seção dedicada especialmente à pregação. É que a pregação engloba todos os elementos da visão teológica. O leitor descobrirá, por exemplo, que há sugestões relacionadas à pregação em mais da metade das oito seções: como pregar visando à renovação, como contextualizar na pregação, como atrair a cultura pela pregação etc.

EVANGELHO. CIDADE. MOVIMENTO.

Nossos pastores lutam para se adaptar a uma cultura pós-cristã sem abandonar a teologia evangélica ortodoxa. Mas como podemos comunicar os conceitos da graça e da morte substitutiva de Cristo em um contexto globalizado e a uma igreja também globalizada?

Em *Igreja centrada*, Timothy Keller — com mais de vinte anos de experiência ministerial em Nova York — oferece percepções desafiadoras e levanta questões provocativas. Por meio da aplicação de doutrinas clássicas ao nosso tempo e contexto, Keller descreve de forma concisa e direta uma visão teológica para o ministério, organizada em torno de três compromissos fundamentais:

CENTRALIDADE DO EVANGELHO. O evangelho da graça de Jesus Cristo muda todas as coisas, desde o coração do homem até o mundo inteiro, o que inclui também nossa comunidade. Ele transforma completamente o conteúdo, o tom e a estratégia de tudo o que fazemos.

CENTRALIDADE DA CIDADE. Cada vez mais, os grandes centros urbanos influenciam nossa cultura global e impactam nossa forma de executar o ministério. Adotando uma maneira positiva de enxergar a cultura, aprendemos a afirmar que, para o ministério que brota do evangelho, as cidades são lugares maravilhosos e estratégicos e ainda com grandes oportunidades de serviço.

CENTRALIDADE DO MOVIMENTO. Em vez de criar nossa própria tribo, buscamos, guiados pelo Espírito Santo, a prosperidade e a paz da nossa comunidade.